



## Entrevista a Antom Laia

18 Março 2015 [Ramiro Torres](#)

<https://palavracomum.com/entrevista-a-antom-laia/>

– **Palavra Comum:** Que supõe para ti a literatura?

– **Antom Laia:** A verdade é que eu nom som um teórico da literatura, e gosto pouco de opinar em clixés -sempre discutíveis, sempre inexatos e sempre fechadores-quando eu entendo as artes como algo aberto, tremendamente inescrutável e profundamente ambíguo...

De cativo -e sempre volvo à nenez- esse mundo sempre de revolta -a literatura foi algo que tivemos que estudar quando era neno. Nesse estudo -e nom sei porque -achei chaves de tesouros, mundos lonjanos, palavras constantemente repetidas (eu tenho um amor imenso polas palavras -sobretudo por esses verbos perdidos (encirrar, acanhar, esgaçar, asalar,...), e logo fum, por vezes orientado, mas moitas vezes como leitor impulsivo e compulsivo buscando, disgregando, disgregando, até achar neste mundo parte do meu mundo....

– **Palavra Comum:** Como entendes o processo de criação artística?

– **Antom Laia:** Como entendo?, pois sim que me metedes num apuro, mas diria que é um ato sempre livre, tremendamente individual no seu nascimento e sempre buscador de leitores e transgressor de mundos, algo em origem que nasce nos teus dedos mas que tem um destinatário coletivo -seja poesia social- ou qualquer jeito de comunicação. Gosto também do que foge do politicamente correto -neste caso do literalmente correto ou de moda, para que cada quem se submerja nos oceanos que nos permite a escrita. Nisto som abusivamente libertário, profundamente comunal, tremendamente respeitoso com moitos jeitos de escrever... só ao longe rejeito a obra perfeita de literatura que foi desenhada para leitores cultos, críticos sanhudos ou amigos de camaretas..., também rejeito a literatura pela literatura quando esta se converte em sagrado culto..., e olho -que sei que escrever é também um ofício diário, umha disciplina férrea-dura... Ainda assim fico mais a gosto com aquela que sae em borbulhas efervescentes e vivazes, que essa outra de citas eloquentes...

– **Palavra Comum:** Qual consideras que é -ou deveria ser- a relação entre literatura e outras artes (música, fotografia, artes plásticas, etc.)? Como é a tua experiência nestes âmbitos?...

– **Antom Laia:** Como na vida mesma -cordial, enriquecedora e cooperativa— dito assim soa a pedantéria- mas se observamos com tino- isto é diálogo-expressóm e vida —Rosalía -por pór algum caso -ve-se complementada em Najla Shami— e tantos outros e outras cantautores—“O Segredo da Pedra Figueira”, sobre todo naquela edição de Tintimán -sendo umha obra descomunal ve-se enriquecida solenemente coas ilustraçons de María Fe Quessada -se comparamos a edición de Tintimán coas seguintes de Xerais, há diferença...

Na poesía que é do que mais gosto—sempre que o texto nom se dilúa—qualquer achega pode resultar interessante...

Que sería dos velhos livros de Galaxia sem os desenhos de Luís Seoane e Isaac Díaz Pardo? —boa literatura—mas sem essas joias de portadas...

Eu só tenho um livro publicado... “No balouçar do vento”, este livro não teria sentido sem a aportação, o cuidado e os debuxos de Xosé Tomás. “Nas margens do tempo”, pronta a saír, tampouco teria sentido sem a obra de Tomás Roures...

– **Palavra Comum:** Quais são os teus referentes criativos? Quais deles reivindicas por não ser suficientemente (re)conhecidos?

– **Antom Laia:** Os meus, eu que som ateu, meu Deus, que vou dizer?, possivelmente os livros de texto de aquela editorial Aguilar onde lia a Gabriela Mistral, Rubén Darío..., logo por chiripa decatei que existía umha literatura em galego, lim a Rosalía e Curros sendo cativinho. Eu só-case ás agachadas. Quando empecei o Magisterio já era um leitor apaixonado da literatura galega, pero antes lera já “LONGA NOITE DE PEDRA” moitas vezes, tantas como días lhe levou a meu pai fazer umha casa de tres pisos. Lim afervoadamente todo e acolhim gostosamente “O SILABARIO DA TURBINA” e “COM PÓLVORA E MAGNOLIAS”, logo desisti, cansei, houve um tempo que deixei de lêr, mas nisso chegarom essas mulheres que lavárom as letras com pedramol, ira e palavras, volvim lêr: Pilar Palharés, Olga Novo, Medos Romero, Lupe Gómez, Marta Dacosta, Isolda....

Estamos em boas mãos —só falta o elo principal— que os leitores busquem, remexam, leiam...

Olvidava outro livro transcendental para mim... “Poemas de amor sen morte”, e para ser justos, tantos e tantos... “Estacións ao mar”, “Tempo de ría”... E mesmo os tapados, esse home inconmensurável que é Emilio Arauxo—, e por suposto, a aposta de A. Pexegueiro, passe o tempo, “Seraogna” e “Mar e naufraxio” estarám sempre na minha mesinha de noite...

De Europa pouco —(nisso som um indocumentado, um analfabeto)— de Hespanha o que vinha nos livros de texto “Inhiesto surtidor de sol y sombra”..., e pouco a pouco, buscando, Catalunya -Marti i Pol- ou em Euskalerría —Joseba Sarrionandia—, Portugal chegava-me através de “Colóquio-Letras”...

Hoje sinto-me perto de Fernando Sylvan, e leio demoradamente ao Mia e a Ondajki, e ficam os que descubro— ...e tantos no tinteiro...

– **Palavra Comum:** Que caminhos (estéticos, de comunicação das obras com a sociedade, etc.) estimas interessantes para a criação literária hoje-e para a cultura galega, em particular?

– **Antom Laia:** Caminhos tantos como houver e quíçais mais ainda por inventar, como dizia o Roberto Vidal Bolanho, “nom há povo sem poetas que o cantem”, e nisso todos os caminhos podem chegar ás mesmas metas —e hoje o mundo cultural -afortunadamente- deixou de estar em mãos de poucos e som já froito de moitos/as—, e ainda estando num impaís governado por verdadeiros sátrapas da cultura, esta floresce em cada esquina -também afortunadamente-.

Somos um povo de RESISTÊNCIA e nesta época de TERROR havemos de seguer vivendo —e frente aos bódrios televisivos, às mamarrachadas múltiplas, existe vida... -afortunadamente-.

Como galeg@s sempre co IDIOMA SEMPRE—escritores monolingües nesta pátria de vento e de sal...

– **Palavra Comum:** Que perspectivas tens sobre a língua galega (e também sobre a sua relação com a Lusofonia)? Por onde encaminhar uma relação mais frutífera para a literatura galega nesse(s)mundo(s)...?

– **Antom Laia:** O mundo é tam pequenino que pode caber nos olhos dum menino —eu nom gosto moito do termo Lusofonia— mas sei que existe umha lingua que nos une —mas nom só pola origem da lingua— senóm polas próprias palavras e mesmo polos conceitos..., quando eu leio os poemas que se me achegam de Timor Leste ou de Moçambique-estou a falar coa minha avoa Concha- que segue a fermentar no pam e a roxar no forno... isso é o que nos une —as palavras. E porque nom dizé-lo, a liberdade de criar a rás de chão. Vendo como picam as urtigas...

Esse mundo em parte é também nosso —mas NÓS para seguer sendo NÓS temos que ARREDAR-NOS de HESPANHA, culturalmente também... e de certos ISMOS— que som ilhotes corrosivos...

– **Palavra Comum:** Que projectos tens e quais gostarias chegar a desenvolver?

– **Antom Laia:** Som um trabalhador parcial, tenho mais projetos que milho. Mas se o tempo me ajuda algo tenho que rematá-los antes que o tempo me remate a mim—, umha novela-e dous poemários...

– **Palavra Comum:** Que achas de Palavra Comum? Que gostarias de ver também aqui?

– **Antom Laia:** Pois isso — Palavra Comum -a simbiose de palavra e comum dá para umha eternidade, e polo que vejo é um projeto ambicioso, necessário e útil—

Gostaria de saber que -e ainda que fosse a furtadilhas- os leitores busquem de por sim esta casa —a comum casa de moitos/as— anonimamente -como buscadores de segredos nas noites de estrelas ou violadores de céus ou transgressores de almas...

## POEMAS

*Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.  
É possível, porque tudo é possível, que ele seja  
aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo... J. SENA.*

**NOM SEI MEUS FILHOS...** (Nas margens do tempo. A publicar)

Nom sei ,meus filhos,que mundo será o vosso.  
É possível,porque tudo é possível,que el seja  
um simples mundo ateigado de maçãs e bolboretas,mesmo  
cheinho de cores outoniças que tapicem os meus olhos,e  
deixem entrar a luz tenue no meu quarto,para olhar essa  
fotografia onde sorriem os ventos naquelas tardes de invernia-  
Regresso da chuva a escorregar nos rebordos dos meus sonhos  
que me batem-manselinhamente na cara-como o vento sul que lembra

as palavras primeiras que dissesstes-tam inteiras na memória- que  
nunca esqueço nestas horas onde a solidade se achega lenta.  
Fago dos recordos estes versos em papel branco-como pai-  
que caminha derreado no passar do tempo,cavalgando  
continuamente dentro dos desejos-na busca da barquinha  
a navegar sinuosamente-como a gota que esvara -limpa.  
Quissera-meus filhos-Doa e Xoel !-porque tudo é possível-  
que no Cimo do Campo-a Folerpinha rebrinca-se como sempre,  
o mesmo que rebrincam as arelas nos desejos deste mundo,  
nas sopas onde amolecia o pam das avoas que nunca morrem,  
nem os sabores dos pêssegos da nossa Horta-aquel Jardim,  
que sempre me acompanha quando vos vejo-nessa fotografia-  
a olhar no sorriso do vento que permanece,ainda nos tempos.  
Naquel coche amarelo que empuxava com aquel paucinho por  
entre os caminhos ,naquel quebracabeças de Caperuchinha,  
na Mouchinha Branca e nos contos do Cam Cadelinho—desejos...  
-porque tudo é possível neste mundo-quando as amanhãs nascem  
e os recordos se ateigam de maçãs e bolboretas,entre as janelas,  
que se abrem como os ouriços das castanhas do nosso SOUTO...  
Nom sei se este mundo que recordo é ainda o vosso-depois de  
tantas horas transcorridas entre as dedas-mas tudo é possível,  
meus filhos !-pois nas silveiras ainda há ninhos-e voa a bubela  
a rentes das árvores e dos jardois-como se tudo fosse um sonho-  
e nada que nom seja possível no mundo que desejo para vós—  
um simples mundo ateigado de maçãs e bolboretas,mesmo  
cheinho de um ronsel de silêncios prolongados-nos que o vento  
escreve neste folio de papel em branco,este poema,para vós um  
mundo de desejos-porque tudo neste mundo é possível-

### **OS CORPOS** (“*No balouçar do vento*”)

Está hoje um dia para olhar-nos.  
Batem nos cristais pingas grossas  
e no leito as pernas se entrelaçam  
ná árvore dos desejos anelados.  
O sol atravessa fugitivamente as janelas  
e mesmo que as vírgulas se apoussam  
no cimo das palavras que nos quentam.  
Nosso amor em segredos furacanados!.  
No interior dos corpos o sangue  
das veias deborcado no meu ventre  
  
enquanto as pingas batam nos cristais e no  
leito as pernas se entrelacem avidamente...